

SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DE SE VOLTAR PARA CASA OU A ESCRITA COMO O LUGAR POSSÍVEL VOLTADO PARA O FUTURO¹

On the impossibility to back home or written as possible place back to the future

Acerca de la imposibilidad de se regresar para casa o la escritura como lugar posible vuelto al futuro

RESUMO

Meditação sobre o sentido do lugar possível, a escrita, como pensamento voltado para o futuro, o texto se constitui como experiência, composto por interstícios literários de uma tessitura geográfico-política sobre as geometrias do pensamento.

Palavras-chave: geometrias do pensamento; literatura; lugar possível

RESUMEN

La meditación sobre el significado de la posible lugar, la escritura y el pensamiento de vuelta al futuro, el texto se constituye como la experiencia, que consiste en intersticios literarios de un tejido geográfico-política de las geometrías de pensamiento.

Palabras clave: la geometría del pensamiento; literatura; lugar posible

ABSTRACT

Meditation on the meaning of the possible place, writing, and thinking back to the future, the text is as experience, composted by literary interstices of the geographical-political compose of the geometries of thought.

Keywords: thinking geometries; literature; possible place

Eduardo Marandola Jr.

Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (FCA/Unicamp).

eduardo.marandola@fca.unicamp.br

1 - Texto-base da participação no Diálogo de Abertura "A linguagem da experiência e a experiência da linguagem", realizada durante o I Seminário Rasuras: imagem, linguagem e sensibilidade no contexto contemporâneo, realizado dia 07 de Junho de 2016, pela Universidade Federal do Espírito Santo, na cidade de Vitória (ES).

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Julho - Dezembro, 2016

Nº 22 - Volume II

ISSN 2175 -3709

A folha em branco ou a cabeça cheia?
O organismo pulsante ou a ansiedade hesitante?

A fantasmagoria plácida ou a vivaz intensidade?

Um jornalista, um escrivão e um varredor de rua.

Uma diplomata, uma faxineira e uma dentista.

Uma manifestação, um telejornal e uma sala de aula.

Parece que me encontro em dias difíceis, pois as escolhas não parecem claras e as cartas estão embaralhadas. Dialogar se torna disputa, assistir não é mais possível e agir parece imperativo. Mas posicionar-se parece infantil e discernir as linhas de conexão e propagação dos discursos, diante de tanto que se projeta, se cria e se tensiona, se converteu em uma tarefa atordoadora.

Da polarização preto e branca sinto falta de outras tonalidades, de sombras e de reentrâncias. De zonas cinzas, de zonas indefinidas. De verdes azulados e de azuis esverdeados. De novas misturas (um azulado-esverdeado) e de sua reunião total (o branco).

Mas diariamente somos confrontados com a profusão quase infinita de uma única cor: o preto da ausência plena. O sentimento de vazio e impotência nos sondam perigosamente, apenas afastados pela ilusão da ação manifesta em memes e quatro linhas compartilhadas pelo celular.

De vozes otimistas ouço brados de regozijo pela mobilização, pelo diálogo, pela luta, pela resistência. De vozes pessimistas ouço o murmúrio mal-humorado de quem já cansou de imaginar outros desfechos. Nunca me senti tão incomodado por esta suspensão corpo-mundo. Sinto uma insofismável indecisão – algo que se alastra do corpo-à mente-ao mundo. De onde para onde? A dúvida que se converte em frustração se torna mais que palpável: somatizo.

Tudo o que tem ocorrido em nosso país nos últimos meses e que agora toma forma em novos decretos, revogações e reorientações de governo, possui uma contraparte de respostas e novos posicionamentos: contra, a favor, em dúvida, inertes?

Na minha pequenez de marinheiro, atado a um barco flutuante, cujo motor tem potência limitada para contrapor-se às fortes correntes continentais, sento-me à noite e leio. Retorno aos meus li-

vros. Não aos novos que se aninham na estante, esperando para serem lidos. Retorno a livros conhecidos, àqueles que já foram por mim visitados. É um retorno, sim; é um reencontro, portanto. E neles o que encontro? Encontro aquilo que vivo: **ambivalência e solidão.**

É justamente isso que gostaria de compartilhar com vocês neste diálogo de abertura, permitindo-me com isso, meditar em voz alta sobre as relações linguagem-experiência, o que farei na proximidade à seguinte ideia: a **escrita como experiência.**

Mas para isso, talvez, melhor seja não meditar em voz alta, mas escrever em silêncio para, perante vocês, ler tal tessitura. Peço licença, portanto, para compartilhar um escrito composto em meio a nebulosas madrugadas da alma, saboreando o amargor da neblina dos indecisos.

Com meus livros sacados da estante, escrevo **interstícios literários**, sem final feliz anunciado. Estes envolvem as várias formas de se voltar para casa, o que sempre parece imperativo nos momentos de crise, mas que se mostra tanto mais impossível diante da desonra resultante. O que encontro é um lugar possível, sem conformismo, voltado para o futuro.

Amor e Sexo ou sobre Geometrias do Pensamento

Já refleti por muitas vezes, sem muito sucesso, sobre as geometrias do pensamento. Este é um belo tópico de conversas e meditações.

Os pares binários parecem dominar em grande medida nosso pensamento ocidental. Seja no positivismo, seja no estruturalismo, seja na própria linguagem da computação, as formulações “tem-não tem” ou “é-não é” parecem repetir-se como estrutura e forma de pensar. É preto ou é branco. É de dentro é ou de fora. É daqui ou é dali. Até na física newtoniana aprendemos que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço, e que estar em um lugar implica não estar em outro.

Este pensamento binário, no entanto, nem sempre estabelece pares a partir da mesma natureza de relação: há os pares que se atraem, o positivo e o negativo, há os pares que se repelem (ou se auto-excluem), como a noite e o dia, e os pares

que se tensionam em uma complementariedade, como a dialética ou o Ying e o Yang da filosofia oriental.

Já se considerarmos as grandes religiões monoteístas do mundo, encontraremos um pensamento tripartite muito forte, que tem sua expressão poderosa na santíssima trindade católica, mas que aparece também na epistemologia contemporânea, entre os grandes troncos das perspectivas lógico-formais, das hermenêutico-interpretativas e das crítico-dialéticas.

Mas o sistema binário parece se disseminar em nossa cultura, inclusive acadêmica, rendendo-se à necessidade de diferenciação a partir da oposição auto-excludente. Em termos filosóficos, conforme nos mostra Bruno Latour, seria o desejo moderno de pureza e purificação, que constituiria as categorias ontológicas modernas a partir de tais ideias isonômicas e anti-miscigênicas (LATOURE, 1994). Se concordarmos com esta leitura do pensamento moderno, a separação é um artifício ou mesmo um engodo, dado que a mistura, ou para usar o termo de Latour, a hibridização, é constituinte de tudo e todos, especialmente ao se considerar as relações sociedade-natureza-tecnologia.

Poderia pensar, saindo da preocupação ontológica, que a experiência é, em si, na mistura, como bem nos provoca ou filósofo não-ortodoxo francês, Michel Serres (2001). Trazer para o campo da experiência implica, em minha perspectiva, trazer para o campo fenomenal corpóreo-existencial: para a concretude da presentificação imediata sensitivo-intuitiva. Desta presença emerge conhecimentos que são fundados nesta simultaneidade corpo-mundo (MERLEAU-PONTY, 2012).

Isso ficou forte para mim durante uma leitura simultânea que realizei de dois livros os quais, na minha perspectiva, tratam do mesmo tema mas por entradas completamente distintas. O tema dos dois livros é a **saga das relações humanas**, mas o livro *Ensaio de amor*, de Alain de Botton, desvela o tema pelo amor, enquanto o livro *Ao sul de lugar nenhum: histórias da vida subterrânea*, de Charles Bukowski, esquadrinha o tema pelo sexo.

Ensaio de amor é uma prosa filosófica sobre o sentido do amor romântico e sobre a necessidade, incutida em cada um de nós, de acreditar na predestinação e em uma força superior que zela por nós, nos aproximando de acordo com nossas fraquezas e virtudes. Amar alguém é, antes de tudo, acreditar na possibilidade deste

amor e desta predestinação, que reveste a relação de uma mística transcendente que remete a uma teleologia maior, da espécie, da vida, dos fins e meios para que a humanidade, e nós mesmos, sejamos felizes e ocupemos nosso lugar na própria história. Os detalhes se tornam cruciais, as coincidências, predestinação, e o desfecho parece responder a um roteiro pré-definido há muito tempo para além da vontade dos dois envolvidos.

O amor nasce de um encantamento pelo outro, mas também pelas circunstâncias míticas que envolvem o relacionamento e o encontro: De Botton encontra sua Clóe em um vôo comercial, após mudanças de última hora no roteiro de viagem, e aquele encontro inesperado e estatisticamente improvável se torna a demonstração de algo transcendente que produz o arranjo propício para o amor dos dois.

Enquanto eu lia página a página a aproximação de Alain e Clóe, seu amor nascente, seus encontros e suas reflexões sobre suas virtudes e fraquezas compartilhadas, alternava a leitura com contos de *A sul de lugar nenhum*. O contraste das situações em que homens e mulheres se relacionavam era palpável. O subterrâneo de Bukowski é o anti-mundo onde a mera menção a amor encantado parece fora de contexto. Os personagens transam ou trepam. Fodem e gozam, mas sem prazer. Não buscam explicação, nem tentam justificar a atração ou suas ações. Não há transcendência: há apenas o mergulho da carne que jaz e apodrece, sem lamentação. Suas relações são fortuítas, sem promessas ou expectativas, limitadas ao aqui e ao agora e ao sortilégio do presente.

O texto não exprime luz: os contos rastejam, sem abrir nenhuma janela, contrastando com o texto de De Botton que se mostra todo iluminado, ascensional (como um avião a decolar), em busca de luz, de iluminação, de virtude. O texto de Bukowski é escuro, sombreado, voltado para aquilo que não se vê e que não se deseja saber.

A primeira pessoa do singular da narrativa filosófica de De Botton contrasta com a impessoalidade do narrador onisciente de Bukowski. No entanto, este é um dos pontos de inflexão que me fez embaralhar, durante a leitura, as duas narrativas.

A aparente luz do dia de De Botton e seu romance com Clóe começa a se desmanchar quando aquele encanto transcendente recebe os primeiros golpes. O

amor romântico é idealizado e fundado em representações. De Botton não está construindo um elogio do conto de fadas: ele visa demoli-lo, pedra por pedra, o que vai acontecendo à medida que a leitura avança.

Fundado em representações que são, no fundo, ilusões, o amor enquanto construção social pode ser compreendido como uma busca por si mesmo no outro, aprofundando, no final, a solidão e o desamparo. O amor, portanto, teria que ser refundado para perdurar para além deste véu transcendente inicial que, quando é descortinado, não raro, põe fim à relação.

Ao mesmo tempo, enquanto mergulhava mais e mais no subterrâneo das relações dos personagens de Bukowski, passava a enxergar mais do que sujeira ou desamparo. Como quando nos acostumamos melhor à escuridão e nossos olhos começam a distinguir os contornos e as formas, passei a sentir não apenas desespero, mas também esperança. Não do tipo “conto de fadas”, mas no fundo, o lugar nenhum de Bukowski passou a ser o **lugar possível**, ou seja, **abertura plena**.

O que se pode esperar mais da experiência do que o lugar possível, como abertura? Mais do que o transcendente, o lugar possível é aquele da concretude. Não é o conformismo que está no olhar de muitos, mas é **a potência realizante daquilo que é realizável**.

O amor romântico idealizado e representacional de De Botton, portanto, se encontra com o sexo possível de Bukowski. Ambos, por vias diferentes, não constroem ou reforçam imagens hegemônicas do pensamento geométrico binário. Antes, turvam e deformam este pensamento, tensionando as possibilidades de compreensão da saga das relações humanas como relações ambivalentes.

Se a representação do amor transcendente tem um lugar mágico de encontro, com um momento crucial de conspiração do universo que colocou aquelas duas pessoas juntas, o lugar nenhum do subterrâneo permite outra luz (ou sombra) sobre este lugar idealizado: o possível, em cada circunstância, com aquilo que somos e podemos ser.

O Futuro que o Presente Manifesta

O lugar possível não é portanto o conformismo com aquilo que se tem. Antes, é justamente a exploração da potência a

partir daquilo que se mostra, se coloca à mão. É o anti-conformismo.

Dentre os lugares que ocupo hoje, como possível, talvez um dos mais potentes seja a escrita. Uma escrita que cria experiência, não uma escrita que relata ou descreve, apenas. **Uma escrita voltada para o futuro, não para o passado**.

Este movimento é fundamental para contrapor a “doença histórica” da modernidade, diagnosticada por Nietzsche, que vê na obsessão pelo novo como uma das marcas constituintes do pensamento racionalista moderno, tornando o passado sucessivamente desprezado ou superado no sentido do vencer uma etapa. Vattimo (2007) aponta a necessidade de romper com esta perspectiva que impõe a prevalência do novo sobre o velho, permitindo construir um olhar voltado para o futuro, ou seja, criador e criativo, e não um pensamento assentado apenas no já realizado e no já vivido.

Em *Um sopro de vida*, Clarice Lispector promove o diálogo entre o Autor e a personagem, Ângela, permitindo a experiência da leitura como desdobramento de um diálogo aberto no qual a personagem interpela o autor, assumindo um papel ativo e não apenas passivo diante dos desejos do Autor.

Enquanto narrativa aberta, Ângela não se vê como passado, nem como presente, mas como potência: “Sou a contemporânea de amanhã”, afirma (LISPECTOR, 1999, p.52). O autor assevera:

Ângela vive para o futuro. É como se eu não lesse os jornais de hoje porque amanhã haverá notícias mais novas. Ela não vive das lembranças. Ela, como muita gente, inclusive eu, está ocupada em fazer o momento presente deslizar para o momento futuro. Tinha quinze anos quando começou a entender a esperança.

O futuro que se apresenta a partir do presente não é a presentificação, mas a potência buscada que torna a experiência intensiva. Ângela se vê em comunhão com o mundo, sentindo a expansão do entendimento não como conteúdo, mas como busca:

De agora em diante eu quero mais do que entender: eu quero superentender, eu humildemente imploro que esse dom me seja dado. Eu quero entender o próprio entendimento. Eu quero atingir o mais íntimo segredo daquilo que existe. (LISPECTOR, 1999, p.52)

Este futuro presentificado torna o futuro o tempo possível, não o presente, pela **esperança**, tecida neste lugar possível: a

escrita.

Para Lispector (1999, p.52), a escrita, como a vida, é pensada como fragmentos. As narrativas permitem brincar com tais fragmentos, dando-lhes sentidos, criando experiências e possibilitando interloquções. Mas ter sentido não é fixar: dar sentido é um apropriar-se. Àquele que escreve, portanto, a tarefa não se refere a criar sentidos para a apreensão dos outros. O desafio é criar escritas que permitam, a cada leitor, uma experiência e a intuição de sentidos, circunstanciados à sua própria experiência. **A escrita poderia ser, portanto, a criação de um lugar possível voltado para o futuro.**

Mas não se trata de redenção. Podemos tensionar um pouco mais aquela geometria binária do pensamento, reunindo mais uma narrativa, tornando o pensamento tripartite: Ensaio de amor, Ao sul de lugar nenhum, e agora, Desonra, de J.M. Coetzee.

Desonra e a impossibilidade de se voltar para casa

Coetzee conduz sua narrativa a partir do narrador, o professor de literatura, David Lurie, que com 52 anos se debate entre o atendimento e cultivo de seus desejos sexuais, a carreira universitária comum e sem brilho e a dificuldade de ligar-se às pessoas, seja sua filha, amigos ou ex-mulher. Cético após dois casamentos desfeitos, apega-se ao sentido de desejar: valoriza e exalta a atração que sente por uma aluna sua, de 21 anos, e defende suas ações e relação com ela como respeito à sua própria natureza.

Demitido da universidade, tem seu prestígio acadêmico e social desgastados, caindo em desonra, o que o leva a passar um tempo com Lucy, sua filha, que havia optado por se mudar para uma fazenda no interior e viver uma vida simples. Ali se vê deslocado, desligado da filha e vivendo na pele a intensidade dos ainda presentes efeitos do *apartheid* social e racial histórico da África do Sul. Ali vive nova situação de desonra quando vê sua filha, lésbica, ser estuprada por parentes de seu vizinho e capataz africâner.

Não entende sua filha, que aceita a situação e não os denuncia, não aceita sua impotência para protegê-la ou para punir os responsáveis, não aceita a forma como a sociedade lhe reservou punir, pelo fato de não ter demonstrado arrependimento do que faz. Não aceita e não entende.

Em Cortzee, o sexo (sem amor), é expressão de violência e desejo, resultando em desonra. Desonra para ele que se relacionou com uma aluna muito mais jovem (o afastamento de gerações, conforme argumenta); a desonra de sua filha, violentada e grávida dos estupradores, cuja maior esperança é ser incorporada como uma das mulheres de seu ex-capataz, para ser protegida; e sua desonra por ter que ter relações com mulheres de sua idade, velhas, nada atraentes, tornando o ato triste e sem sabor.

Mas esta desonra é representacional: expressa um sistema de valores, mas ela é tensionada o tempo todo. Ela não está fortemente enraizada, mas se mostra deslocada, como ele. Assim, não é apenas Lurie que está deslocado: a própria honra e desonra também o são à medida que os sistemas de valor e perspectivas são contrapostos e vivenciados de formas ambivalentes.

Lurie não se vê em um lugar possível. Se vê sem lugar e impossibilitado de retornar para casa, nosso lugar existencial por excelência. Não pode voltar à sua casa, depredada e com vizinhança hostil; não pode voltar à fazenda pois sua filha definha na resignação das consequências da violência que sofreu: se vê sem casa, sem rumo, sem abrigo possível.

Esta impossibilidade de retornar para casa, na verdade, revela a sensação de ambivalência e tensão que se encontra. Na verdade, ele não pode retornar para nada pois é incapaz de olhar para o futuro. Se vê arrancado do solo, sentindo-se desamparado, sem condições de atar-se a algo, de envolver-se, de mera compreensão.

A única coisa que tem a se apegar é seu não arrependimento. Sua desonra é externa, imputada pelos outros. Dentro de si não há arrependimento: há apenas a angústia da busca por compreensão que não encontra eco para desenvolver. Lurie é um desonrado pelo sexo, sem lugar para voltar nem lugar possível e sem futuro.

Mas a impossibilidade de voltar para casa seria, portanto, a condenação final?

Penso que não. Talvez o que falte a Lurie seja a disposição de Muidinga e Tuahir, personagens de Mia Couto em *Terra sonâmbula* (COUTO, 2007, p.19):

Muidinga e Tuahir param agora frente a um autocarro queimado. Discutem, discordando-se. O jovem lança o saco no chão, acordando poeira. O velho ralha:

— Estou-lhe a dizer, miúdo: vamos instalar casa aqui mesmo.

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Julho - Dezembro, 2016
Nº 22 - Volume II
ISSN 2175 -3709

— Mas aqui? Num macimbombo todo incendiado?

— Você não sabe nada, miúdo. O que já está queimado não volta a arder.

No fundo, me sinto um pouco assim por estes dias. Vivendo uma desonra compartilhada e mal definida, mas que é mais imputada pelos outros. Talvez por isso tente tanto voltar para casa, embora haja uma clara impossibilidade de atingir o aconchego e proteção da casa onírica (BACHELARD, 1993). Me esforço em me centrar, em encontra um eixo para me posicionar diante desta situação em que

vivemos e quanto mais eu tento, mais desconforto pareço sentir.

Mas, como nos ensina Tuahir, a casa não é o lugar do amor transcendente, da representação. Não é o castelo protetor, onde nada nos atinge. A casa não é o sexo ardente, cheio de tesão e performance. A casa, por vezes, é a própria desonra, misturada, imprecisa e ambivalente, que marca qualquer crise. O problema não é a necessidade da casa. A questão, é esperar que ela seja algo puro e idealizado.

Se a casa for nossa escrita, talvez já estejamos no lugar possível. Basta agora nos voltarmos para o futuro.

Referências

BUKOWSKI, Charles. Ao sul de lugar nenhum: histórias da vida subterrânea. Porto Alegre: L&PM, 2013

COETZEE, John M. Desonra. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

COUTO, Mia. Terra sonâmbula. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.

DE BOTTOM, Alain. Ensaios de amor. Porto Alegre: L&PM, 2011.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos. São Paulo: Ed. 34, 1994.

LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida [pulsações]. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A prosa do mundo. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

SERRES, Michel. Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

VATTIMO, Gianni. O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. (Trad. Eduardo Brandão) 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.